

VOZES DA EDUCAÇÃO: INTERFACES ENTRE ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Mairce da Silva Araújo
Maria Tereza Goudard Tavares¹

A memória da gente é falha, a idade vai chegando... Eu tenho fotos e documentos. Mas será que vou me lembrar de tudo? Posso convidar mais pessoas que participaram dessa história de luta?
Jesus Abreu

A resposta de Seu Jesus, antigo morador da comunidade, ao convite das alunas,² para contar a história do CIEP 052 Romanda Gouveia Gonçalves³, vem corroborando o desafio enfrentado pelo *Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação: memória e história das escolas de São Gonçalo* em seu movimento de resgate e produção da memória da educação escolar gonçalense.

O depoimento deste morador nos alerta de que a ameaça de perdermos a capacidade de recordarmo-nos das lutas e desafios vividos no ontem, ou seja, de nossa memória coletiva, é real em um mundo que vive *a tempestade do progresso* (Benjamin,1993). Por outro lado, Seu Jesus nos dá pistas de como podemos lutar contra a perda da memória e de como recuperar a história vivida: coletivamente. Não ceder ao esquecimento que quer apoderar-se de nós, é a grande lição que esse gonçalense nos aponta.

Buscar a história contida no passado das escolas de São Gonçalo, indo em direção aos sujeitos que nela viveram e construíram sonhos de

¹ Professoras do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ

² A pesquisa intitulada *Cotidiano escolar – a memória entrelaçando presente, passado e futuro* foi realizada pelas alunas do 8º. Período do Curso de Pedagogia: Márcia Rodrigues, Renata Mujo, Rosiane Santana, Shirlei Cruz, Simone Nascimento sob a orientação da Profª. Regina de Fátima de Jesus, como proposta da disciplina da Prática de Ensino II no ano de 2002:

³ O CIEP 052 Romanda Gouveia Gonçalves está localizado no bairro Boa Vista, em São Gonçalo, RJ.

futuro, permite-nos buscar um novo olhar sobre a história da educação, um olhar que possa ver nas narrativas dos sujeitos simples uma versão legítima dos acontecimentos, porque a *contrapelo*.

Temos como objetivo principal no projeto promover o resgate da memória histórica da educação de São Gonçalo, realizando, para isso, a identificação e sistematização das informações sobre a história da educação pública contida nas fontes documentais e orais existentes nas próprias escolas.

A recuperação dos registros e narrativas que compõem a memória da educação local tornou-se, não só uma necessidade de se resgatar a memória institucional e cotidiana de nossas escolas, mas fundamentalmente a possibilidade de estabelecermos elos articuladores que nos permitam historicizar e problematizar propostas e projetos de educação em vigor na cidade. Desejamos com nosso trabalho possibilitar um movimento de reflexão dos professores e estudantes acerca de sua própria história, com vistas a garantir a sistematização e organização dos registros dessa memória, bem como relacionar a memória local à memória da Educação Nacional.

As vozes da escola contam suas memórias e histórias e a universidade precisa ouvi-las, problematizá-las, dialogar com elas. Nessa *escuta sensível* (BARBIER, 1985) e desafiadora, que entendemos ética e política, as integrantes do Vozes, bem como professoras, professores e estudantes das escolas envolvidas no projeto, buscam fazer da reflexão sobre o processo vivido o eixo de sua formação, tanto como docente, quanto discente, materializando a perspectiva freiriana de que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Confirmando que faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor como pesquisador. (FREIRE, 1998:32)

O Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: memória e história das escolas de São Gonçalo foi criado em 1996 e conta hoje com nove professoras e um professor, sendo seis Doutoradas, um Doutor e três Doutorandas, todas do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores, duas bolsistas de extensão, dos cursos de

Pedagogia e de Letras e uma aluna voluntária, do curso de Pedagogia que se agregou ao projeto, enxergando nesta participação um enriquecimento para a sua formação de professora-pesquisadora.

Neste ano de 2004, cadastramos dois projetos de pesquisa no CNPq que abrem novas perspectivas para o projeto inicial. Trata-se das pesquisas: *Alfabetização, Memória e Formação de Professores* – coordenado pela Prof^a. Mairce da Silva Araújo, com a bolsista Susan Caldeira da Rocha e o projeto de pesquisa *Políticas Educacionais e Poder Local: um estudo sobre a implantação do Plano Municipal de Educação e suas repercussões no processo de escolarização em São Gonçalo*, coordenado pelas Prof^{as}. Márcia Soares Alvarenga e Prof^a. Maria Tereza Goudard Tavares, com a bolsista Michelle dos Santos, articulados ao diretório do Vozes

Ao compartilhar nossas histórias nos vemos diante dos mosaicos de Gaudi nos quais as formas, cores e nuances inusitadas surgem à medida que recuperando as diversas trilhas que o projeto vem seguindo ao longo de sua própria história, colamos cacos, pedaços de cerâmica, pastilhas, azulejos, fragmentos de processos vividos e memória compartilhada, ressignificando o espaço-tempo da formação de professores como um lócus de autoconhecimento, como nos ensina SANTOS (2000).

ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO: UM MOSAICO EM CONSTRUÇÃO⁴

Uma de nossas preocupações centrais no Núcleo do Vozes tem sido fortalecer a perspectiva política da Universidade Pública, especialmente no contexto do município de São Gonçalo, onde a Faculdade de Formação de Professores se afirma como a única instituição pública de Ensino Superior.

Nesse sentido, no Projeto Acadêmico de nossa unidade, a extensão universitária vem se colocando como uma estratégia político-epistemológica

⁴ Dentre as diferentes ações desenvolvidas pelo projeto, tendo como princípio a articulação pesquisa-ensino-extensão podemos destacar: gincanas para criação do acervo, projeto "Profissão-Professor", em convênio com o Sepe/SG, projeto "Vídeo-Educador", participação em congressos nacionais (ANPED, ENDIPE, COLE) e internacionais (Cuba, Chile, Portugal), produção de artigos e organização do I Seminário de Educação *Paulo Freire na Contemporaneidade* com apoio da FAPERJ e do II Seminário de Educação *Memória, História e Educação: fios e desafios na Formação de Professores* apoio da FAPERJ e do CNPq.

com vistas à construção de um outro modelo estrutural de Universidade, comprometido com a sua responsabilidade social

No Brasil, especialmente, a partir dos anos 60, a Universidade tem sido convocada pelos setores mais críticos da sociedade (em especial os movimentos docentes e discentes), para assumir a sua "responsabilidade social" perante as questões colocadas pelo mundo contemporâneo, mobilizando seus conhecimentos acumulados em busca de soluções para os problemas sociais.

As reivindicações por um papel mais nítido da Universidade no sentido de exercer uma intervenção social, cobravam dessa instituição um compromisso político com os setores mais desfavorecidos da sociedade, desafiando-a a pensar questões tanto de âmbito mais global como os desastres ecológicos, a fome no mundo, o recrudescimento dos ódios raciais, quanto de âmbito local ou regional, como o desemprego, o fracasso escolar, a criminalidade, a violência, a corrupção no setor público, entre outros.

Concomitantemente porém, uma visão economicista e conservadora desse papel social da universidade, tendo como base a grave crise financeira que vem desafiando a própria sobrevivência da instituição, levantava a bandeira da busca da produtividade e do auto-financiamento e acabava reduzindo a responsabilidade social a uma cooperação com a "comunidade" industrial, com setores associados à acumulação e reprodução do capital.

No entanto, uma concepção mais ampla de responsabilidade social que não se paute apenas na intervenção reformista dos problemas sociais, bem como na valorização das lutas das classes populares pela construção de uma sociedade mais justa, tem fundamentado iniciativas de políticas de extensão que reafirmam o seu compromisso político e social com a democratização da sociedade e a superação de nossas constrangedoras desigualdades sociais.

Nesse sentido, acreditamos que no caso específico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em nossa unidade, a Faculdade de Formação de Professores, a extensão universitária se coloca como uma alternativa político-metodológica que investe na construção de novas relações com a cidade e suas escolas, pautadas na identificação da realidade social local,

sendo referenciadas por questões que atravessam essa realidade e que não podem prescindir de um posicionamento e de cooperação crítica da Universidade Pública.

Concordamos com Santos quando afirma que:

As chamadas atividade de extensão que a universidade assumiu sobretudo a partir dos anos sessenta constituem a realização frustrada de um objetivo genuíno. Não devem ser, portanto, pura e simplesmente eliminadas. Devem ser transformadas. As atividades de extensão que procuram "extender" a universidade sem a transformar; traduziram-se em aplicações técnicas e não aplicações edificantes da ciência; a prestação de serviços a outrem nunca foi concebida como prestação de serviços à própria universidade. Tais atividades estiveram, no entanto, a serviço de um objetivo genuíno, o de cumprir a "responsabilidade social da universidade", um objetivo cuja genuinidade, de resto, reside no reconhecimento da tradicional "irresponsabilidade social da universidade.(SANTOS, 2000:229)

Assim, a extensão universitária pressupõe um caminhar coletivo, aberto e sensível à complexidade do momento histórico que atravessamos, onde as certezas e previsibilidade de uma racionalidade iluminista já foram colocadas em xeque, pelos paradoxos da crise global/local que o contemporâneo nos delega.

Portanto, refletir os caminhos da extensão hoje é fundamentalmente, disponibilizar uma permanente interlocução/interação entre os diferentes setores sociais externos e internos à comunidade universitária, procurando forças sinérgicas que possam resistir e criar outras formas de intervenção social e produção de conhecimento pautada num paradigma emancipatório de sociedade. Paradigma este, *ético porque solidário, estético porque reencantado, político porque participativo* (SANTOS, 2000).

A CIDADE, A ESCOLA E O VOZES

Colonizadas por portugueses a partir do século XVI, as terras das Bandas D'Além, denominada após emancipação política em 1892 como a cidade de São Gonçalo, situa-se, periféricamente, em relação à cidade do Rio de Janeiro. Quando visto por imagem de satélite, representa, na micro-região conhecida como área Metropolitana ou do Grande Rio, a segunda

malha urbana aí existente, perdendo apenas para a cidade do Rio de Janeiro.

São Gonçalo, hoje, é uma cidade de grande porte, com uma população de cerca de um milhão de habitantes, sendo o segundo município em termos demográficos-populacionais do estado, ocupando a posição de vigésimo segundo lugar dentre os 92 do Estado do Rio de Janeiro. Situada na periferia do Rio de Janeiro, possui uma taxa de urbanização de 100%.

Criada em 1892, a cidade estruturou-se inicialmente a partir das culturas da cana de açúcar e do café, nas grandes fazendas. Com o declínio das culturas canavieiras e cafeeiras, dedica-se à policultura, dando início à divisão das fazendas em sítios. Entretanto, a sua paisagem rural perdurou até fins da década de 50, quando o parcelamento do solo atingiu o seu pique, tomando uma amplitude que modificou o seu perfil, sobretudo, nas décadas posteriores.

A fase de industrialização e urbanização de São Gonçalo começa a desenvolver-se a partir da década de 30, com a instalação das primeiras fábricas, dando ao município uma nova paisagem que se mesclava em semi-rural e urbana. Com o pique industrial mais importante do Estado, o município sobreviveu, até o início dos anos 60, incentivado pelo processo de substituição de importações que foi incrementado pela política nacional desenvolvimentista.

Por essa ocasião, surge a deliberação nº. 370 de 10/11/62, da Prefeitura, que estendeu a zona urbana a todo o território municipal. Há uma redução drástica do setor primário e o crescimento industrial de grande porte, cede lugar, à era dos serviços, da pequena e média indústria. Aparece a problemática do emprego e da pobreza.

A partir da década de 70, São Gonçalo viveu um acelerado crescimento populacional, que atingiu principalmente os bairros periféricos, com a facilidade de acesso ao Rio de Janeiro, proporcionada pela Ponte Rio Niterói, inaugurada em 1974. A distância Rio - São Gonçalo, encurtada pela ponte, tornou o município um local de moradia alternativa, por ter aluguéis com preços mais baixos. O crescimento industrial de grande porte cedeu lugar à era dos serviços, da pequena e média empresas, iniciando-se também a desindustrialização. Aparece a problemática do desemprego e da

pobreza e a cidade passa a ser considerada como "cidade dormitório" à medida que sua população começa a trabalhar fora do local de moradia.

Dados mais recentes do IBGE (2000) traçam um perfil atual do município apontando que, grande parte de sua população pode ser considerada muito pobre, a partir dos índices relacionados aos aspectos básicos da condição de vida, como renda mensal, educação e saneamento básico.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), em janeiro de 2002, com base nos dados do IBGE (Censo 2000) existiriam na cidade cerca de pelo menos 20 mil pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, em estado de miserabilidade. De acordo com o IBGE, tendo por base os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUDH), somente 0,71% da população gonçalense comparável a de moradores de outros centros urbanos do País. Os bolsões de miséria da cidade se concentrariam, prioritariamente, nos bairros de Itaoca, Salgueiro, Neves, parte de Santa Isabel e Jardim Catarina.

Em relação à questão da escolaridade da família, 10,8% dos chefes domiciliares não tinha nenhuma instrução e 16,7% tinha de 1 a 3 anos de estudo; isto significa que 27,5% não concluiu o primeiro segmento do primeiro grau. Igualmente chama a atenção nos dados o elevado percentual de mulheres sem nenhuma instrução, 20,6%. Como se tratava de dados agregados, não discriminava o percentual de mulheres chefes de família sem nenhuma instrução.

Os dados denunciavam a precariedade das condições de esgotamento sanitário e tratamento de lixo: dos 262.892 domicílios permanentes, apenas 105.936 possuem rede de esgoto e apenas 25% das vias da cidade são pavimentadas. O setor cultural é ainda mais drástico, pois só existe um cinema, uma biblioteca pública, três galerias de arte (duas das quais privadas), três teatros (sendo que dois são particulares).

Com relação à questão educacional, é bom lembrar que "coincidência ou não", foi na década de 70, período da desindustrialização e pauperização da cidade, que o governo estadual da época criou a Fundação Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro e posteriormente no seu interior, a Faculdade de Formação de Professores, com sede no

município de São Gonçalo, a primeira (e única) instituição pública a nível universitário da cidade.

Tal instituição de ensino, desde 1987 vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vem oferecendo cursos de graduação – licenciatura plena – nas áreas de História, Matemática, Geografia, Ciências Biológicas, Pedagogia e Letras, bem como pós-graduação, *Lato Sensu*, em Português, Inglês e História do Brasil. Atualmente, a Faculdade de Formação de Professores constitui-se como a principal instituição formadora dos quadros docentes das redes públicas e privadas de educação da cidade.

Construindo a sua trajetória no ensino público de nível universitário há mais de vinte e cinco anos, sua identidade institucional tem movido professores e professoras que aí trabalham no sentido de buscar concretizar um projeto político-pedagógico fundamentado no tripé ensino-pesquisa-extensão.

É no bojo deste movimento que no Departamento de Educação surge o Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: memória e história das escolas de São Gonçalo, objetivando estreitar laços entre a Faculdade de Formação de Professores e demais instituições educativas da cidade.

OS NÚCLEOS DE MEMÓRIA: TRANÇANDO FIOS ENTRE A ESCOLA BÁSICA E A UNIVERSIDADE

*Enquanto os leões não
começarem a escrever
sua própria história, a
história continuará a ser
a história dos caçadores.
Ditado Africano*

Assim como o ditado africano, também nós, acreditamos e defendemos que é preciso ouvir as vozes da escola para dialogar com elas, pois, historicamente, as escolas e seus sujeitos – professores, professoras, funcionários e funcionárias, alunos, alunas, pais e mães – não têm sido reconhecidos como principais “narradores e narradoras de sua própria história”.

Por outro lado, estimular a escola a *contar a própria história* não só possibilita que memórias, lembranças, experiências *submersas* venham à tona, por vezes, desvelando as *zonas de sombra* encobertas pela História Oficial, como também nos permite, enquanto docentes da Faculdade de Formação de Professores que somos, investir na formação do professor pesquisador e da professora pesquisadora, à medida que a experiência de (re) memorar pode favorecer a reflexão sobre o processo vivido.

Narrar a própria história, como afirma PEREZ (2003) também é uma forma de produzir conhecimento:

O ato de narrar sua própria história, mais do que contar uma história sobre si, é um ato de conhecimento. Através da narrativa o sujeito constrói uma cadeia de significantes que estrutura formas cognitivas de representar o mundo e compartilhar a realidade social, ao mesmo tempo em que engendra sonhos, desejos e utopias.(2003:27)

A proposta de implantação de núcleos de memória nas escolas tem sido um dos caminhos trilhados por nós com objetivo de contribuir com a dimensão pesquisadora da formação docente, promovendo a reflexão de professores e professoras acerca de sua própria história com vista a uma ressignificação de seus saberes.

Nesse sentido, elegemos como objetivos centrais da implantação dos núcleos:

- Resgatar, através de narrativas e da análise documental, a história das escolas municipais de São Gonçalo, envolvendo os sujeitos escolares nesse movimento, a partir do entrelaçamento das memórias individuais e coletivas, da história social e política, da história da educação e da instituição escolar.
- Possibilitar espaços narrativos envolvendo professores(as), funcionários(as) e alunos(as), para relato das histórias de vida, dos movimentos individuais e coletivos, indicando tramas entre formação, saberes e práticas e a mediação desse processo com a produção da escola a ser pesquisada.
- Realizar levantamento e análise documental da memória da instituição escolar e da educação em São Gonçalo, através dos arquivos da escola pesquisada e da Secretaria Municipal de Educação.

- Trabalhar com depoimentos orais: Realização de entrevistas com um grupo delimitado de professores(as), alunos(as), funcionários(as) que atuam na instituição e com a comunidade. Realização de entrevistas com sujeitos que atuaram e estudaram na instituição em períodos anteriores.

Quanto à metodologia do projeto, os múltiplos desafios de um processo investigativo como o proposto por nós, implica a definição de uma metodologia polifônica, que se fundamenta, principalmente, na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (GEERTZ, 1978).

Temos como objetivo instituir um processo de “investigação cúmplice” com as escolas e professoras envolvidas no projeto, visto que a nossa trajetória como professoras-pesquisadoras (vide nossas produções individual e coletiva) corrobora uma concepção e ação teórico-prática de pesquisadoras militantes dentro dos pressupostos da pesquisa-ação (BRANDÃO, 1987). Apostamos que a opção pela pesquisa qualitativa de natureza etnográfica vem possibilitando que pesquisadores e pesquisados possam viver a experiência de uma *comunidade investigativa* (WELLS, 1994).

Nesse sentido, o trabalho de constituição dos núcleos de memória, longe de ser apenas um espaço de coleta de dados possibilita um movimento de ação-reflexão-ação coletivo sobre o conhecimento corroborando o que SANTOS (2000) defende como papel da pesquisa numa perspectiva emancipatória.

O movimento de levar para as escolas públicas de São Gonçalo a proposta de criação de núcleos de memória nas escolas tem proporcionado para nós uma rica experiência que permanentemente aponta novas possibilidades de intervenção.

A exemplo desse movimento, trazemos aqui uma das experiências vividas pelo grupo no ano de 2003.

CRIANDO NÚCLEOS DE MEMÓRIA NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA MUNICIPAL RAUL VEIGA⁵

⁵ O relato e a análise da experiência de criação do núcleo de memória, vivida pelo *Grupo do Vozes* na E. M. Raul Veiga, faz parte do Painel apresentado ao ENDIPE com o título “IMPLEMENTANDO NÚCLEO DE MEMÓRIA NAS ESCOLAS: Uma experiência na formação de professores e professoras”, tendo como autoras as professoras Mairce da Silva Araújo e Maria Tereza Goudard Tavares e as bolsistas do Vozes Giselle Nunes e Marcele Mariosa

De acordo com os objetivos do Núcleo de traçar um perfil da educação em São Gonçalo fez-se necessário aprofundar o trabalho de campo nas escolas e, dessa forma, no ano de 2003 o grupo optou por fazer um processo diacrônico decidindo assim estudar e estabelecer os núcleos de memória nas escolas mais antigas para as mais recentes. Seguindo esse critério a Escola Municipal Raul Veiga⁶ aparece como a mais antiga de São Gonçalo.

O trabalho das bolsistas consistia em participar dos encontros de discussão e planejamento das ações do núcleo tais como: reuniões de estudo, preparação de material, tratamento das fontes coletadas, organização do arquivo, oficinas e mini-cursos. Além disso, realizavam o trabalho de campo nas escolas, onde professoras e bolsistas procuravam não somente uma inscrição autorizada no cotidiano escolar, mas desenvolver uma escuta sensível que nos possibilitasse estabelecer um diálogo com os docentes e demais sujeitos escolares na implantação dos núcleos de memória.

Na primeira visita que fizemos à escola levamos a proposta de criação do núcleo de memória. A boa acolhida das professoras presentes naquele momento, bem como a surpresa de algumas delas, diante da informação de que aquela é a escola mais antiga do município, foram bons indícios para o diálogo que se iniciava.

Professores e professoras, funcionárias, coordenadoras e direção mostraram-se, desde o primeiro encontro, motivadas a *narrar* a história da escola, se propondo, até mesmo, a procurar/indicar outras pessoas que vivenciaram ou compartilharam a história da escola, ao longo dos seus 67 anos, como ex-alunas, professoras, funcionários, vizinhos, pais, mães. A motivação dos sujeitos da escola para mobilizar outros sujeitos com objetivo de não deixar morrer a história da escola, nos mostra a importância do coletivo para o resgate da história vivida. Por outro lado, o interesse da escola em *narrar* sua própria história, buscando as vozes do

⁶ A Escola Municipal Raul Veiga foi fundada em 1º de julho de 1937, no segundo distrito do Município de São Gonçalo, também denominado Raul Veiga, recebendo este nome em homenagem ao importante político fluminense, que foi governador no Estado do Rio de Janeiro, no períodos de 1918 a 1922.

passado para ressignificar o presente, reafirmava para nós a potencialidade dos *núcleos de memória* para uma compreensão mais ampla da história da educação escolar no município de São Gonçalo.

Algumas histórias já emergiam desde o primeiro contato: as professoras nos informaram que a escola é conhecida pela comunidade como "Rato Velho", numa alusão às iniciais da escola R.V. e também pelo seu aspecto decadente, devido à má conservação da mesma pela Prefeitura Municipal. Há uma promessa de anos da Prefeitura de construir um novo prédio para abrigar a escola, no entanto, tal projeto ainda não saiu do papel. A construção deste novo local para a escola seria a solução de vários problemas entre outros: a precariedade das instalações e a falta de espaço físico, que suscitou a utilização de um anexo, para abrigar as turmas do primeiro segmento do ensino fundamental, num porão cedido por uma igreja próximo a escola.

A escola, assim como tantas outras escolas do município de São Gonçalo, em sua arquitetura nos lembra muito mais uma chácara antiga, com várias construções próximas umas das outras, do que um prédio construído para fins educacionais. Encontramos na própria origem da escola uma justificativa para a disposição das construções, pois, naquele local, funcionava nos anos 30 uma granja, posteriormente adaptada para uma instituição escolar.

Ouvir as histórias da escola por meio de seus sujeitos conhecer suas expectativas, necessidades, sonhos e utopias, levantar o passado, por meio de uma reflexão coletiva, que se anunciava naquele momento, tornava possível melhor compreender o presente com suas possibilidades e impossibilidades.

Nos primeiros encontros, momentos de *namoro* entre a escola e "as pesquisadoras de fora" ia, igualmente, ficando claro a importância do desdobramento do *narrar* a história, ou seja, a necessidade do registro, em suas diferentes modalidades (escrito, imagético, documental), desta história, experiência também muitas vezes secundarizada, quando se trata da preservação das *histórias submersas*.

Lembranças de momentos vividos e registrados na escola eram lembrados, a festa de comemoração dos 50 anos da escola, o álbum de

fotos, a filmagem, o " arquivo ganhava vida nas recordações compartilhadas" porém, *aonde foi parar tudo isso?*

Cada fato lembrado, cada experiência compartilhada devolvia ao grupo a história vivida coletivamente, reafirmava a importância da criação do núcleo para o resgate da história e apontava caminhos para a pesquisa: entrevistar uma professora que já havia se aposentado, fazer contado com a pessoa da comunidade que filmara a festa, recolher fotos que estavam espalhadas, remexer no *arquivo morto*. Voltar ao passado com os olhos do presente fortalecia o grupo e recuperava sua auto-estima. Para além das dificuldades e lutas da escola, do seu aspecto precário, da sua falta de espaço, as histórias revividas traziam à tona os projetos construídos coletivamente e os ressignificavam.

A "OFICINA DE MEMÓRIA" NA ESCOLA MUNICIPAL RAUL VEIGA

A oficina denominada "Baú da Memória" realizada em 10/02/04 começou com o grupo se apresentando: 8 (oito) professoras do primeiro segmento, uma das coordenadoras da escola e da Universidade, nós, as bolsistas de extensão e as professoras Martha Hees e Mairce Araújo.

Inicialmente foi pedido que as professoras presentes escrevessem num papel sua definição sobre memória e, em seguida, leu-se o livro infantil "Guilherme Augusto de Araújo Fernandes", de autoria de FOX (1995), cuja temática trata da perda e do resgate da memória.

O livro conta a história de um garoto bem novo, Guilherme Augusto de Araújo Fernandes, que se empenha para ajudar uma senhora bem velha de um asilo a resgatar a memória perdida.

Para ajudá-la, Guilherme Augusto precisa descobrir o que é memória. Para isso sai perguntando a seus pais e aos outros moradores do asilo do qual é vizinho e se depara com várias definições diferentes sobre o que é memória: "é uma coisa quente", "é algo que vale ouro", "é algo que faz rir" ...

A partir destas definições Guilherme Augusto reúne objetos que para ele correspondem a essas definições. Tais objetos ajudam a velha senhora que havia perdido memória a lembrar situações de sua vida e assim recuperar/ reconstituir sua memória .

A leitura do livro propiciou um intenso debate sobre a importância da memória e, conseqüentemente, de outros temas relacionados a este, como a importância do relato oral para resgate da história; o caráter subjetivo da história, pois, como lembrou uma das professoras “ *quem conta um conto aumenta um ponto*”, dentre outros.

Logo após pedimos às professoras que procurassem em suas bolsas qualquer objeto que representasse lembranças ou que as fizessem recordar de algo importante em sua vida profissional. Além de apresentar o objeto as professoras também foram estimuladas a dividir com o grupo o motivo da sua escolha, em que sentido o objeto escolhido remetia a uma memória que tanto podia ser individual ou coletiva.

Após a surpresa inicial diante da proposta, aos poucos foram surgindo pequenos fragmentos da memória coletiva entrelaçada nas memórias individuais que iam sendo compartilhadas naquele momento. Memórias próximas e memórias distantes, algumas vividas coletivamente com o próprio grupo que participava da oficina, outras vividas em outros tempos, outros lugares, porém, memórias que traziam do passado saberes a serem ressignificados a partir dos “olhos do presente”.

Em cada depoimento das professoras, entrecruzavam-se histórias e experiências individuais com a história coletiva, a história particular de cada uma, com a história do próprio magistério municipal.

Eu peguei meu contracheque, pois quando eu entrei na prefeitura o dinheiro vinha dentro de um envelope e nós recebíamos na própria escola..

Eu peguei um batom pois em uma escola que eu trabalhava, uma estagiaria ao terminar seu estágio me deu e eu achei interessante, porque normalmente as estagiárias fazem seus estágios e vão embora sem agradecer.

Eu peguei um apito pois quando a turma esta falando muito eu uso o meu apito e quando eu o esqueço a turma me pergunta porque eu não o trouxe.

Eu peguei essa calculadora pois em 1986 quando eu estava quase há um ano na prefeitura, nós tínhamos que ir somando todas as notas para tirar a média e eu tive uma dificuldade muito grande para tirá-las, então no ano seguinte eu me comprometi em comprar uma calculadora, mas o meu salário não dava para comprar essa calculadora e eu tive que juntar meu salário dois

meses para comprá-la e poder tirar a média de meus alunos sem pedir emprestado para ninguém.

Narrando suas experiências as professoras assumiam o papel de sujeito da história, não mais uma história contada/narrada pelo outro. Em outras palavras, como afirma BRAGANÇA (2004), *o/a professor/a deixa de ser objeto para ser sujeito da pesquisa, autor que ressignifica sua trajetória ao longo do processo de investigação*. A narrativa faz emergir não um episódio individual, mas a densidade da produção social de determinados significados apropriados pelo sujeito. Quem narra traz sempre os processos sociais de sua produção da narrativa. Temos assim uma ênfase no papel do sujeito em sua formação.

Por outro lado, a oficina de memória com seu objetivo de promover o resgate da memória e história dos sujeitos da escola, fortalecia a nossa opção metodológica pela História Oral⁷.

Como afirma Thompson (1992)

a História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos, não só entre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

Proseguimos a oficina discutindo sobre o que é memória e solicitando às professoras que lessem as definições que escreveram sobre memória no começo da oficina. Entre outras definições as professoras leram:

São lembranças do passado e fica registrado cenas marcantes na vida da pessoa.

Memória é recordar aspectos vividos.

São lembranças do passado e fica registrado cenas marcantes na vida da pessoa.

⁷ A perspectiva fértil da História Oral afirmou-se a partir da Escola do Annales, ao trazer para o campo da pesquisa novas abordagens e novos problemas, promovendo uma revalorização do depoimento oral e das imagens, apontando outras fontes alternativas ao documento escrito.

Relembrar; viver novamente; tornar vivo o que é esquecido; celebrar um história.

Ao longo da oficina percebemos que para as professoras memória e passado se associavam fortemente, visto que todas as definições e as falas das professoras tinham como base essa relação.

Uma outra questão a ser enfatizada é que apesar das professoras reconhecerem na discussão a importância da memória, das narrativas, do relato de experiências, do vivido e do acontecido para o resgate de uma história que vá além da história oficial, percebemos também a própria dificuldade em incorporar essas questões como conteúdo pedagógico. Dessa forma, a história inscrita nos livros, nos documentos ainda é reconhecida hegemonicamente, na escola, como a História Oficial.

Contudo, entendemos também que não existe um hiato entre a história local e a história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de uma comunidade permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, à medida que os indícios com os quais trabalhamos oferecem à observação, não uma versão parcial ou mutilada da realidade social, mas uma versão diferente.

Acreditamos que essas observações podem se transformar em material de trabalho, contribuindo para que todas nós, Vozes da Universidade e da Escola, possamos nos fortalecer num diálogo vigoroso, onde a implantação do núcleo de memória afirme uma rica experiência de formação compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Concordamos com BENJAMIN (1993) que distingue experiência de vivência, pois a vivência se esgota na realização, à medida que é pontual e fragmentada, concentrada no sujeito isolado, enquanto que a experiência é a ação refletida, compartilhada por um grupo. *Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.*" (BENJAMIN, 1993:37)

O trabalho memorialístico procura recuperar o sentido da escola como "lugar de memória", como espaço do "compartilhar experiências" indo

na contramão do individualismo contemporâneo que se nutre, essencialmente, na esfera do vivido pelo sujeito isolado. Por isso, ressaltamos a necessidade de compartilhar experiências através de nossas narrativas na comunidade escolar.

Ao longo do processo de implantação do Núcleo de Memórias na E M Raul Veiga, enriquecemos a nossa formação – professoras, bolsistas, professoras e coordenadoras da escola - vivendo um processo coletivo de construção de conhecimento. Interagindo com o mundo da escola realizamos um movimento de pesquisa-extensão que se nutre de um saber compartilhado – Universidade e Escola Básica – para promoção da formação, tanto inicial, quanto continuada dos professores.

O trabalho de narração – ouvir e registrar histórias - envolvendo as pesquisadoras e os sujeitos da escola vai tornando cada participante do grupo autor/a do processo de resgate da memória da escola, num movimento permanente de construção e (re)construção desta memória. O outro (no caso os sujeitos da escola) é co-participante deste processo, e não apenas um informante. Concordamos com PARK para quem

as memórias das professoras povoam suas práticas, às vezes de forma errante, sem grandes reflexões, assumidas após trabalhos de análises solitárias ou de grupo. Trabalhadas como memórias coletivas, irão produzir um texto que possibilitará a compreensão de práticas assumidas no cotidiano. (2003, 34)

A perspectiva teórico-metodológica proposta pelo Núcleo, se caracteriza, dessa forma, como um processo de formação continuada para as/os professores/as, à medida que a partir das narrativas sobre a prática docente favorece a reflexão na e sobre a ação (GÓMEZ, 1992), possibilitando à narradores/as ressignificar seus relatos e experiências.

Temos experienciado no processo de implantação dos Núcleos de memória, o permanente desafio de construir práticas pesquisadoras fundadas numa “escuta sensível” e numa “compreensão ativa” da realidade. E essa aprendizagem para nós vem se constituindo como uma experiência de formação de professores pesquisadores que não aparta memória, história e narração.

Para finalizar, gostaríamos de enfatizar que se, como nos ensina PARK, *trabalhar com memória é incluir ausências e silêncios* (2001:26), incluir na

formação de professores e professoras o trabalho com a memória dos sujeitos escolares representa para nós, não somente uma questão teórico-metodológica, mas principalmente, uma opção política, no sentido de contribuir para a circulação das histórias, memórias e narrativas daqueles e daquelas que, historicamente, vem sendo as Vozes mais ausentes e silenciadas na História da Educação Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, M. S., TAVARES, M. T. G., MARIOSIA, M., NUNES G. Implementando Núcleo de Memória nas Escolas: Uma experiência na formação de professores e professoras. Trabalho apresentado ao ENDIPE, 2004.

BARBIER, RENÉ. *Pesquisa-ação na instituição educativa*. RJ: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BRAGANÇA, Inês F. S. *Práticas de Ensino: Interfaces entre memória, pesquisa e formação*. Rio de Janeiro, 2004, mimeo.

BRANDÃO, C. R. (org.) *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CATANI, Denise B. (org) *Docência, Memória e Gênero – estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

FOX, Men. *Guilherme Augusto de Araújo Fernandes*. São Paulo: Brink-book, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. RJ: Jorge Zahar, 1978.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (coord.) *Os professores e sua formação*. Lisboa, Publicações Don Quixote, 1992.

HEES, M. P. N. et. alii (org). *Vozes da educação: 500 anos de Brasil*. RJ: Armazém das Letras, 2004.

IBGE. *Censo Demográfico Nacional*. RJ: Ed. IBGE, 2000.

MORAIS, J. F. S, RANGEL, S., BRAGANÇA, I. F. S., ARAÚJO, M. S , TAVARES, M. T. G. *Escolas de São Gonçalo: Vozes, Memórias e Histórias em diálogo*. Trabalho apresentado ao V Congresso Luso-brasileiro de História de Educação. Évora, Portugal, 2003.

_____.RANGEL, S., BRAGANÇA, I. F. S., TAVARES, M. T. G., HEES, M. P.N., JESUS, R.F., ARAÚJO, M. S. *Memória, História e Formação de Professores: fios e desafios do projeto Vozes da Educação em São Gonçalo*. Trabalho apresentado ao 14º COLE, Campinas, 2003.

NÓVOA, A. (coord.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PARK, Margareth. (org.) *Memória em Movimento na Formação de Professores*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

_____. *Memória, Formação de Professores, Patrimônio de Educadores, Meio Ambiente*. Campinas: SP, Mercado das Letras, 2003.

PEREZ, Carmen L. V. *Professoras alfabetizadoras. Histórias plurais, práticas singulares*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

RELATÓRIO DO NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO VOZES EM EDUCAÇÃO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE SÃO GONÇALO, PERÍODO 1997/2002, São Gonçalo, mimeo.

SANTOS, Boaventura Souza. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. Porto: Editora Afrontamentos, 2000.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WELLS, G. *La formacion del maestro investigador*. Madri, 1994 (mimeo.)